



Divulgação



CADERNO G

Atores negros fazem história no Oscar 2017

Página 28

CAIXA ZERO

Greca vai elevar a tarifa de ônibus em Curitiba para R\$ 4,20 e selar a paz entre a prefeitura e as empresas de transporte

Página 10

Daniel Castellano / Gazeta do Povo



HAUS

A arquitetura germânica que desafiou Hitler

Página 18

Após elogios em Davos, Paraguai ganha status de emergente

Página 20

Richa investiu menos de 50% do previsto em 2016

A promessa de investimento recorde no Paraná em 2016 não se concretizou. O governo do estado pretendia aplicar R\$ 3,7 bilhões do Tesouro em obras e aquisições de equipamentos, mas o ano fechou com R\$ 1,64 bilhão em investimentos empenhados – menos da metade do estipulado na Lei Orçamentária Anual. O resultado de 2016 ficou abaixo do de anos anteriores, sendo apenas o quarto melhor da gestão de Beto Richa. **Página 4**

R\$ 4,1 BILHÕES

é a previsão de investimentos para 2017 do governo do Paraná. O valor, recorde, é reforçado por um crédito de US\$ 235 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Henry Milleo / Gazeta do Povo



Um rosto de 2 mil anos ao alcance das mãos **Página 17**

* HISTÓRIA

Veja Gufan, o paranaense de 2 mil anos

Henry Milleo/Gazeta do Povo

Museu Paranaense expõe rosto reconstruído em três dimensões a partir de crânio achado em 1954

Durval Ramos

Especial para a Gazeta do Povo

■ Gufan, o mais antigo dos paranaenses, já tem um rosto — e você vai poder conhecê-lo de pertinho no Museu Paranaense.

Ele foi recriado digitalmente e agora volta à vida cerca de 2 mil anos depois de sua passagem pelo estado graças a uma parceria realizada entre o Museu Paranaense e as empresas Azuris e Beenoculus, que vão fazer com que esse ilustre ancestral possa ser revisitado graças à realidade virtual.

A apresentação oficial de Gufan ocorreu ontem, no Museu Paranaense. Os visitantes vão poder usar os óculos especiais para ver de perto não apenas o rosto do indígena como também conhecer as etapas dessa reconstrução, da musculatura à sua estrutura óssea.

Essa é a primeira vez que um brasileiro de importância histórica é recriado de maneira tridimensional, como explica o designer 3D responsável pelo projeto, Cícero Moraes. Ele já havia feito a reconstrução de figuras como Santo Antônio e Madre Paulina, mas sentia falta de traba-



Com óculos de realidade virtual, público poderá conhecer o homem que viveu 2 mil anos atrás em território onde hoje está o Paraná.

lhar com alguém que fosse genuinamente tupiniquim.

Foi a partir dessa vontade que nasceu a parceria com o museu e a possibilidade de dar um rosto a Gufan. Membro de uma tribo indígena que habitou a atual região de Prudentópolis em uma época que arqueólogos acreditam ser contemporânea à de Jesus Cristo, o “primeiro paranaense” carrega traços fortes e poderá ser visto de perto graças às novas tecnologias.

Segundo Moraes, a ideia de usar a realidade virtual surgiu como uma forma de fazer com que essas recriações se tornassem mais acessíveis.

“Antes, as reconstruções eram feitas em animação ou criando um busto. Só que o vídeo não tem profundidade e a impressão em 3D ainda é muito cara e são poucos os que realmente têm acesso à obra”, explica o artista.

Assim, a nova tecnologia revelou ser a melhor maneira de levar o trabalho para um número maior de pessoas e com a mesma experiência de um modelo físico. E em um tempo recorde.

Apesar de todas as pesquisas relacionadas ao paranaense de 2 mil anos tenham se iniciado com a descoberta de sua ossada, em

1954, o trabalho de montagem foi feito em apenas uma semana. “É claro que a tecnologia chama a atenção, mas as estrelas ainda são os arqueólogos”, diz o designer. “Estamos trazendo uma revelação do passado com ferramentas do futuro. É uma oportunidade única”.

Próximos passos

Além de toda a pesquisa científica que continua a ser desenvolvida, Moraes aponta ainda outras possibilidades que a própria tecnologia pode oferecer nessa área.

De acordo com o desig-

ner, pode ser que o projeto se expanda e crie outras interações semelhantes.

“Talvez consigamos recriar o ambiente original do Gufan ou remontar o local onde foi encontrado”, sugere.

Serviço

Exposição “Gufan, o paranaense de 2 mil anos”

No Museu Paranaense, em Curitiba (Rua Kellers, 289, São Francisco). Aberto de terça a sexta-feira, das 9 às 18 horas, e sábados, domingo e feriados, das 10 às 16 horas. Entrada gratuita.

* COMIDA

Chefs nórdicos conquistam público para o pão de centeio

Julia Moskin

The New York Times

■ Qualquer gourmet mais ousado que já se aventurou pelas florestas da moderna cozinha nórdica muito provavelmente se deparou com algum tipo de pão de centeio: tem o maravilhosamente borrachudo *rugbrod* e o sueco *limpa* com aroma picante, para ficar em dois exemplos.

Surfando na onda do interesse por grãos antigos, o centeio está surgindo em várias cozinhas influentes, na forma de macarrão, mingau, brownies e como opção mais gratificante, no pão.

“O *rugbrod* é como o vinho na França e o azeite na Itália. É mais que alimento; é história, cultura e agricultura”, afirma o chef Claus Meyer, de Nova York.

O centeio é um grão antigo muito comum em áreas de clima frio e úmido. Antes que a agricultura moderna e o transporte disponibilizassem o trigo em toda parte, ele era a melhor opção para a preparação de pães na maior parte do norte da Europa, da Rússia e nos países do Báltico, seguindo rumo oeste, passando pela Polônia, Hungria, Áustria, Alemanha e Holanda e subindo para a Escandinávia.

VERSÁTIL

Nas cozinhas nórdicas, o pão de centeio é aproveitado de inúmeras formas: fatiado e frito serve de biscoito, esmigalhado e cozido faz parte do mingau do café da manhã (o chamado *ollebrod*).

As versões mais tradicionais (como o escuro *pumpernickel*) exigem fermentação lenta e devem ser assados em temperaturas bem altas, em ambiente úmido. Quase sempre são azedos, consequência do processo lento de levedação que exigem.

Francesco Sapienza/NYT



Pães de centeio são densos e pesados, diferentes dos pães de trigo.